

À CONVERSA COM... PROF. RUI TEIXEIRA

PRESIDENTE DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO

P. - Prof. Rui Teixeira, como vai o IPVC?

R. - Vai bem, obrigado. Somos uma instituição com 19 anos. Estamos a entrar na idade institucional. Partimos com a ESE, apenas, e

construímos um património de que nos orgulhamos — temos cinco escolas, três em Viana: Escolas Superiores de Tecnologia e Gestão, Enfermagem e Educação; a E.S. Agrária (que a meu ver faz sentido que venha a chamar-se E.S. de Ciências do Desenvolvimento Rural, ou algo semelhante porque é essa, de facto, a esfera da sua acção) e a E.S. de Ciências Empresariais, em Valença, a mais nova, mas com enorme pujança. Iniciaremos este ano uma licenciatura no âmbito do Lazer e do Desporto, curso da ESE que irá funcionar em Melgaço, em virtude da autarquia nos ter cedido

gratuitamente as fantásticas instalações desportivas que o conselho possui. Temos oito espaços com edifícios ou complexos de edifícios, onde estão instaladas as escolas, as residências para estudantes, e um Centro Académico onde estão instalados os Serviços de Acção Social. Mas o melhor do nosso investimento fez-se no capital humano. Temos hoje cerca de 240 lugares para professores a tempo inteiro, distribuídos por, aproximadamente, 310 pessoas, dado que muitos estão a tempo parcial. Cerca de 50 são já doutorados e nos próximos meses este número subirá significativamente. A quase-totalidade dos restantes têm mestrado. Temos 23 cursos de licenciatura e cerca de 3400 alunos na formação inicial e 600 noutros tipos de formação superior, conferente ou não de grau. Por fim cerca de 140 funcionários. Constituímos, assim, um universo de uma enorme mais-valia e sem par na nossa região.

P. - Como avalia o momento do Ensino Superior em Portugal?

R. - É, consen-

sualmente, o momento mais difícil da sua história. Creio que acompanha o momento do país. Falo-lhe apenas em dois aspectos, a meu ver, cerne do problema neste momento. Primeiro, face a drástica diminuição do número de alunos oriundos do

ensino secundário, urge a racionalização da rede de oferta estatal e a sua articulação com a oferta privada, para que o estado disponha de uma oferta de formação no ensino superior moderna, criativa, de qualidade

P. - Qual o papel do IPVC no tecido Empresarial do Alto Minho?

R. - O IPVC pode anunciar às empresas e a todas as insti-

tuções que chegou. O que é que isto significa: até aqui esteve virado para a sua própria fundação, mas a continuidade do seu percurso maturativo como instituição do ensino superior, pode e tem de ser feito de mãos dadas com as necessidades das empresas, das autarquias e demais instituições, com as associações cívicas e culturais nas questões do percurso do desenvolvimento da cidadania. Este espaço, que tem a amabilidade de conceder-nos, é a prova de que nos estamos a encontrar no terreno: o IPVC, o comércio, a indústria, a cultura, o lazer. Estamos todos a descobrir que existimos e que temos de trabalhar concertadamente. Como é que isto se faz? Eis o interessante trabalho que temos em mão, mas é um caminho sem retorno. Estamos a desenvolver centros de interface que não-de tomar-se em locais privilegiados de encontro e descoberta de caminhos comuns. São às dezenas já os projectos em andamento como resultado de parcerias efectivas como o mundo empresarial e numa diversidade de áreas. Digamos que o início é promissor. Vamos trazer muita desta gente do mundo das empresas, da cultura e da sociedade em geral, para dentro do IPVC, para órgãos de estratégia que iremos criar, agora de modo informal, mais tarde, quem sabe, por força da própria lei. Havemos de ter gente do IPVC cuja missão seja a de perscrutar o mundo empresarial e transportar essa realidade para o IPVC. Mas o

grande contributo desta parceria há-de expressar-se por excelência e, sobretudo, na adequação dos nossos dispositivos de formação face às necessidades da sociedade, no desenvolvimento curricular, na sua flexibilidade, nos modelos de formação e nas competências a desenvolver nos formandos e na investigação a produzir, há-de procurar orientar-se por aquelas que sejam as necessidades de modernização e desenvolvimento de todo tecido social, independentemente da área.

P. - O IPVC tem um papel central na Valimar Digital. Qual é a sua visão sobre o projecto?

R. - O IPVC é um dos

três membros do consórcio que lidera o Valimar Digital. São os outros a CEVAL e a VALIMAR, além, claro, de muitos outros associados. Tem sido um trabalho árduo, com avan-

lógica de suporte à digitalização da Valimar, que em últimas instâncias irá disponibilizar todo o e-governement local e uma enorme quantidade de outros serviços aos habitantes desta região. De facto, o IPVC não precisa de mais "caixotes" de computadores,

"(...)Estamos todos a descobrir que existimos e que temos de trabalhar concertadamente."

nem pretende ser operador de telecomunicações. O IPVC quer contribuir para uma cultura de utilização das novas tecnologias

por parte de todos, incluindo o cidadão comum. É a animação neste área que entendemos como um dever e um desafio.

P. - Quais os objectivos do IPVC com o projecto de fibra óptica em Viana do Castelo?

R. - O IPVC pegou, inicialmente, na fibra óptica como uma forma de construir o seu "campus" e tomar mais seguras e mais baratas as comunicações entre as nossas unidades orgânicas. Mas evoluímos de imediato e entendemos que se fornecéssemos know-how e esclarecimento sobre as vantagens face aos custos, poderíamos alargar à cidade,

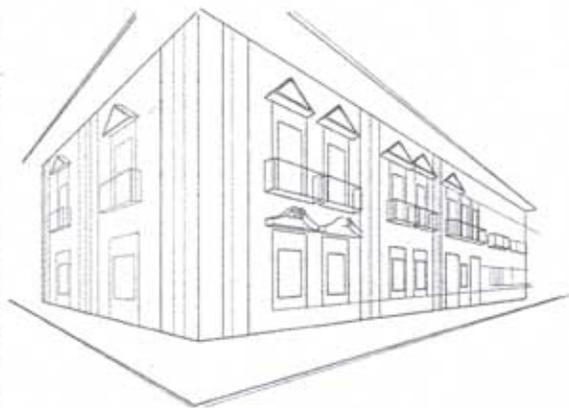


Fachada dos Serviços Centrais e Presidência do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

e adequada à suas necessidades, particularmente as que se prendem com o seu desenvolvimento. Até agora as instituições plasmam-se na oferta, contribuindo para a sobre oferta, ou, em alternativa, apresentaram um conjunto de cursos light, de relevância social duvidosa para serem pagos pelo erário público. Isto não é mais uma simples mostra da nossa extraordinária capacidade para não planificarmos e deixarmos que as coisas aconteçam em "movimento natural". O segundo grande problema, clássico, também, e desastroso para ambas as partes, é o divórcio entre o ensino superior (a investigação, o conhecimento e a inovação) e o pulsar social. O ensino superior e o pulsar social não coabitam nem comunicam. São reciprocamente estranhos. Urge que substituam esta postura por outra, proactiva, da qual resulte uma ligação bilateral permanente e uma comunhão de preocupações. O E.S. Politécnico tem particulares respon-

sabilidades neste domínio e o IPVC também. Diria mesmo que a negritude do momento pode (e tem de) ser uma oportunidade es-

truturante, de particular fecundidade na construção do futuro. Tenhamos nós o engenho e o querer para transformar a adversidade em desafio.



Desenho da fachada dos Serviços Centrais e Presidência do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

ços e recuos, inerentes às sucessivas e diferentes orientações para a digitalização das regiões. Estamos no fim do processo. Já fizemos a última revisão da candidatura com as entidades governamentais, sendo a solução final encontrada uma boa solução. Este projecto é um paradigma demonstrativo da missão do IPVC. O IPVC tem de estar onde possa constituir contributo decisivo para a modernização, primeiro da sua região, depois do país. Iremos construir e liderar a central techno-

com a colaboração de outras instituições, um recurso extraordinário, que por vezes pensamos que está lá no futuro e ele está aí. A Câmara Municipal deu uma resposta eficaz ao nosso desafio. Iremos ter, nos próximos meses, uma excelente rede de fibra óptica a dar apoio a um desenvolvimento efectivo da nossa cidade e a servir múltiplas instituições. Iremos depois, igualmente, tentar dinamizar o seu uso.

(continua na pag. 5)

À Conversa Com... Prof. Rui Teixeira

(Continuação)

P. — A produtividade, em Portugal, é baixa. Um dos factores causais é a baixa qualificação dos trabalhadores. Qual a estratégia do IPVC nesta matéria.

R. — O IPVC irá rapidamente à descoberta de novos públicos formandos, como condição, também, da sua própria sobrevivência. A formação inicial (18 aos 25 anos) terá tendência para se manter aos actuais níveis, idênticos aos europeus. Acontece que a média dos países europeus tem cerca de 20% das pessoas licenciadas e Portugal à roda dos 10. Urge que formemos mais gente, mas já não pode ser a gente à custa dos que vêm do ensino secundário. **Temos de criar condições para trazer à escola muitos que não o puderam fazer noutros momentos tidos por mais apropriadas.** Teremos de provar que todos os momentos da vida são próprios para vir à escola. A escola, por sua vez, deve estar técnica e legalmente habilitada a validar adquiridos educacionais e a construir currículos adequados às pessoas e às necessidades de formação, sejam elas quais forem. O caminho, sem retorno, como dissemos, que encetámos de ligação ao nosso tecido social nas suas múltiplas expressões, e, de modo muito especial, às empresas, permitir-nos-á cada vez mais orientarmo-nos, enquanto produto, para aquelas que sejam, em cada momento, as efectivas necessidades de formação. A formação de activos, em contextos ou não de trabalho, será uma das áreas a privilegiar. Aqui engloba, também, a formação de técnicos de níveis pós-secundário, mas não superior, como os CET's, que hão-de fornecer muitas das profissões hoje carenciadas. O IPVC irá olhar para esta área também com muito mais atenção.



Crossfire

1. As melhores férias:

As que sejam construídas de tranquilidade (bem activa), de lazer, de família e de amigos. A praia ou a montanha, a cidade ou o campo, as viagens ou a nossa casa, são, basicamente, cenários ou instrumentos dessa construção. Sem negar que alguns desses cenários podem ser bem mais "facilitadores"... todos serão óptimos, se for óptima também a nossa vontade de as construir. Assim, as melhores férias são sempre as próximas — além das mais desejadas, são aquelas que, agora, nos desafiam. Verdade se diga que, lá para trás, houve algumas muito boas.

2. Que livro está a ler:

Não leio livros. Estou com livros. Estou, normalmente, com vários. Neste momento estou, de novo e sempre, com os "Diários" do Torga (do Miguel) — porque a "simplicidade", no ser e no estar, atrai-me! É, de resto, o único meio de transporte seguro para o "profundo" e para o "místico" da vida e da condição humana. Estou, também, com João Gil, no "Portugal, Hoje, O Medo de Existir". Creio que estamos todos com o João Gil na vontade de nos percebermos. O que se passa connosco?... Alguma fatalidade? Tem de ser assim? Qual é o caminho? O que falta? Estou encantado, é esta a frase, com a "Alquimia da mundaça" de François Dupuy, de Oberon. Olhar a mudança (pele lado do seu fascínio) nas organizações como conjunto das condições e dos meios da sua modernização e esta como o seu destino

permanente, sem ser descoberta, é bom de lembrar. Estou, ainda, com outros livros orientados para o mundo da formação e do ensino superior.

3. Restaurante e prato preferido:

Preferio todos os restaurantes que bem tratam esse extraordinário património que é a nossa gastronomia e são já tantos a fazê-lo, por graças a Deus e brio dos homens, no nosso Minho. Creio que começamos, neste âmbito e sem retorno, a cultura da qualidade. Dizer alguns nomes é esquecer outros. Nos pratos, com uma enorme admiração pelas



coentradas, pelas migas, pelas tripas, é nas lampreias, nos cozidos, nos sarrabulhos, no "carneiro com arroz do forno", no bacalhau e nas sardinhas, ao lado dum bom

Breves Notas Curriculares

Rui Alberto Martins Teixeira, nasceu em 1955, em Perre, Viana do Castelo, onde reside. É casado e tem duas filhas.

Apos a frequência da escolaridade primária na aldeia natal, frequentou os Seminários Diocesanos de Braga (Nossa Senhora da Conceição e de S. Tiago) onde concluiu o Curso Geral de Humanidades. Uma curta passagem pelo Colégio do Minho permitiu-lhe obter a equivalência entre o Curso Geral de Humanidades e o Curso Geral dos Liceus. Frequentou depois, de 1971 a 1973, o Curso Complementar dos Liceus, no Liceu Nacional de Viana do Castelo.

Em 1974 ingressou no 1.º ano do tronco comum da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde viria a licenciarse em Ciências da Nutrição. Fez, mais tarde, uma pós-graduação em Nutrição Pediátrica, sendo esta a sua área de intervenção prioritária na área clínica.

Em 1995 terminou o Curso de Mestrado em Saúde Pública na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde desenvolve trabalhos de Doutoramento.

Repartiu sempre a sua actividade entre a formação, o ensino e a actividade clínica.

Foi Professor das disciplinas da área da Nutrição, Alimentação Racional e Dietética da Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo durante 20 anos. Mais tarde leccionou, na mesma escola e cumulativamente, nas áreas da Bioquímica, Biofísica e Informática, além de participações avulsas em muitas outras. Foi sempre o autor de todos os programas das disciplinas que leccionou.

Já anteriormente, durante o período da existência dos Cursos de Enfermagem Geral, foi o Professor Entrevistado pelo Grupo de Trabalho que, a nível nacional, teve a seu cargo a revisão dos respectivos planos de estudos, vindo as suas propostas de programa para as disciplinas das áreas da nutrição e dietética a serem aceites pelo referido grupo e, depois de aprovados pela tutela, e adoptados como programas oficiais em todas as escolas de enfermagem públicas do país.

Foi professor, durante oito anos, nas áreas da formação em saúde da Escola Normal de Educadores de Infância e da Escola Normal e do Magistério Primário de Viana do Castelo. Foi auditor do Ministério da Educação para o desenvolvimento curricular e programático desta área de formação, nestas escolas e nesses cursos, sendo da sua autoria o desenvolvimento curricular e o programa das disciplinas de saúde que vigoraram em todas as escolas públicas similares do país até à sua extinção.

vinho verde, que mais me "encontro" com o gosto.

4. Clube desportivo:

Claro que me lembro do Benfica ganhar tudo... Já não sei, no entanto, há quantos anos... (mas muitos!) tendo agora retomado (espera-se!). Não sei nomes, para além do Eusébio, obviamente, e poucos mais. Não sei quantas equipas tem as diversas divisões, quantas jornadas tem o campeonato, não sei nomes de jogadores, de árbitros, etc. Não sei! Não sei! Só fui uma vez a um campo de futebol na minha vida (e logo no Europeu, na primeira vez contra na Grécia, de má memória!). Contra o estrangeiro sou sempre "nacional", contra os outros... sou do Benfica. Não fiz nada

música: profunda, apaixonada, ubíqua face à minha vida — rodeia-me sempre, de igual modo, no prazer ou na maior dor. É um bem de primeira necessidade, instrumento de trabalho e até já foi meio de vida!

"Vivi da música" vários anos (sem nunca ter sido músico... em prol do bom nome destes!). Fui (sobretudo) organista, sacro ou profano, conforme o trabalho; fui acordeonista do folclore ou de "forno", da música ligeira à mais clássica; toquei guitarra baixo e rítmica, bateria, o que fez falta. Há claramente um tipo de música que prefero — A BOA, e há música muito boa em todos os géneros musicais. Isto não contradiz que reconheça nos génios Beethoven e Mozart o intangível e supremo estado da arte ou mistério. Com eles passo grande parte do meu tempo. Com eles rio, com eles choro, com a mesma naturalidade.

6. Quem cozinha em sua casa:

Às vezes também cozinho. Sinto-me com jeito para a "coisa", mas com muita falta de exercício. Por outro lado vivo rodeado de excelentes cozinheiras, pelo que, a necessidade, como grande mestra do engenho, não me ataca particularmente neste domínio. O meu tempo mesmo livre é diminuto para a imensidão de coisas que gosto de fazer e a cozinha não é, de modo nenhum, uma das minhas prioridades no lazer.

7. O melhor filme:

Muitos. Adoro cinema, agora quase só em casa. Nomeio, no entanto, o último que vi no cinema — uma grande superprodução americana baseado num poema de Homero e que aborda com espectacularidade a

Foi membro do Conselho Pedagógico-Científico da Escola de Enfermagem durante 13 anos (1982 a 1995). A partir de 1995 integrou o Conselho Científico da Escola Superior de Enfermagem. Foi, durante oito anos, membro do Conselho Científico da Escola Normal de Educadores de Infância, onde, e durante o mesmo período, desempenhou as funções de Coordenador dos Serviços de Acção Social.

Na docência, ainda, foi professor do 4.º Grupo do Segundo Ciclo do Ensino Básico.

Apos o seu mestrado recebeu o convite da Faculdade de Medicina de Coimbra para participar na regência e leccionação no âmbito da Nutrição e Alimentação em Saúde Pública ao nível da formação avançada. Tem orientado dissertações de mestrado e sido membro de júris de provas para a obtenção deste grau. Participa, ainda, como Professor Convidado em vários dispositivos de formação na Universidade Católica, em Braga.

Área dominante do seu interesse profissional foi sempre a formação, particularmente a formação de activos. Desde professores, médicos, enfermeiros e desde as áreas de educação para a saúde, saúde pública e comunitária, nutrição, dietética, sistemas de informação e informática, entre outras.

Em termos de investigação, comunicações e publicações científicas tem-se dedicado, sobretudo, à nutrição e alimentação pediátricas, mais concretamente na prevenção da obesidade na criança, na alimentação e no sucesso escolar, quer de modo individual, quer em trabalho em rede ou em centros de investigação.

Mais recentemente tem orientado os seus interesses para a área das dispilidemias, diabetes e prevenção cardiovascular, área onde defendeu tese, bem como da saúde pública em geral, quer a nível individual, quer na orientação/participação de projectos de investigação.

Na área da prestação de serviços à comunidade e, há 18 anos e em regime de voluntariado, colaborador do Serviço de Pediatria, na área da nutrição clínica e pediátrica.

Participou em várias experiências de gestão, referindo, pela oportunidade, a sua participação no Conselho Directivo da Escola Superior de Enfermagem, de 2000 a 2002 e na de Vice-Presidência do IPVC, desde Abril de 2002 a 2005. Desde Abril de 2005 como Presidente do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

mitologia grega, contando uma batalha entre Messénia e Troia. Chama-se Troia, precisamente. Dirigido por Wolfgang Petersen, conta com uma boa prestação de Brad Pitt no papel de Aquiles e a Diane Kruger no papel de Helena. É um extraordinário espaço de talento e do momento actual da arte no cinema, com os seus fantásticos efeitos.

8. Personalidade Nacional:

Deixe-me apontar duas. Uma individual e outra colectiva. Individual, o Infante D. Henrique. Foi o maior empreendedor, no meu ver, da nossa história. Teve um sonho — conquistar novos mundos — proposta de inacreditável arrojo para o seu tempo; transformou-o em projecto, no qual acreditou e deu-lhe a vida; investigou e reuniu o saber e as artes disponíveis; escolheu os homens e congregou-os na vontade e no desígnio — E DESCOBRIU. Continua como um dos nossos grandes pontos de encontro como povo e como nação. Personalidade colectiva — o povo português — há muitos anos à míngua de projectos e de líderes.

9. Personalidade mundial:

Pela sua proximidade, mas sobretudo, pela sua capacidade de protagonizar o mundo que somos — João Paulo II. Impressionante o seu vulto humano. Impressionante a sua dimensão neste momento tão complexo da história que também é o nosso.

11. Uma palavra que caracterize a educação em Viana do Castelo:

Temos muito e alicante trabalho pela frente, mas é o único caminho do nosso sucesso. Só poderemos, de resto, ter sucesso. Resta ver bem o que falta.